

Naturalmente Filmados: como atuar e viver nos postos indígenas do SPI em Mato Grosso**LUCYBETH CAMARGO DE ARRUDA***

Esta pesquisa é um exercício de reflexão a partir de fotografias que compõem três coleções fotográficas produzidas pela Seção de Estudos (SE), do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em cinco Postos Indígenas localizados no estado de Mato Grosso, nos anos de 1942 e 1943. A partir de métodos e investigações nos campos da antropologia, fotografia e história, analisamos imagens que foram produzidas pela equipe de Foto-Cinematografia, tendo como suporte a documentação administrativa do SPI, no período de 1910 e 1945, referente aos postos indígenas São Lourenço e Córrego Grande (grupos Bororo), Cachoeirinha e Taunay (grupos Terena) e Simões Lopes (grupo Bakairi e diversos grupos da região do Xingu).

O objetivo é perceber a participação indígena dentro do “bloco monolítico” chamado de posto indígena. Busca-se observar, refletir, interrogar e problematizar no movimento ambíguo da fotografia, o que está para além da objetificação – premente, absoluta – em que ela foi concebida e foi e ainda é muito utilizada. As coleções aqui estudadas foram produzidas a partir dessa compreensão da fotografia e o exercício será partir do índio objetificado e concebido como categoria genérica e, no percurso, lançar luz, descortinar e encontrar os Bororo, os Bakairi e os Terena, enquanto agentes do seu processo histórico e parte integrante e importante da formação histórica das regiões onde foram instalados os postos indígenas. Assim, este trabalho produz através de imagens e palavras (documentação do SPI) um instrumento que se complementa e compõe uma narrativa importante da história dos índios nas primeiras décadas do século XX.

Penso ser necessário dizer que essa pesquisa é fruto de um doutorado em Antropologia Social¹ e que, em princípio, as coleções fotográficas não eram o meu enfoque. O processo de pesquisa começou encontrando as fontes textuais do SPI. Fiz um levantamento da documentação administrativa do Serviço de Proteção aos Índios, tendo como intenção a inspetoria regional 06, o departamento que coordenava, em nível regional, os postos indígenas instalados no estado de Mato Grosso (recorte espacial que atualmente corresponde aos estados

* Professora-Doutora da Universidade Federal Oeste do Pará (UFOPA).

¹ Esta comunicação é resultado da tese de doutorado em Antropologia Social/Unicamp, cujo título é “*Naturalmente filmados: modos de atuar e de viver nos postos indígenas do SPI na década de 1940*”, sob a orientação do Professor-Doutor John Manuel Monteiro (*in memoriam*).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

2

da federação: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia). O plano era percorrer a documentação administrativa desses postos desde o momento de suas instalações até um

recorte temporal que permitisse ver a conformação dos grupos nesses espaços. Tendo a documentação com esse enfoque, passaríamos a analisar as relações estabelecidas entre índios e não índios, compararíamos as administrações desses postos indígenas e analisaríamos como os grupos indígenas respondiam a essa tutela. Mas, aos poucos, ao longo da própria pesquisa, no processo de levantamento da documentação disponível no acervo do Museu do Índio², além dos microfilmes referentes à inspetoria regional 06 – que dizem respeito aos postos instalados em Mato Grosso – resolvi separar também as imagens relativas a esses postos indígenas.

Ao mergulhar no acervo imagético, três coleções fotográficas (Documentário Terena, Bororo e Posto Simões Lopes), produzidas nos anos de 1942 e 1943, ganharam força e passaram a ser centrais na pesquisa, principalmente, pelo fato de serem fontes que agem com flexibilidade em sentidos opostos, ora como espelhos de atitudes conscientes e ora como distorções da realidade. Através delas, a pesquisa ganhou força, tonicidade, dinamismo, se é que se pode colocar nesses termos. Nem por isso, deixamos de lado a documentação administrativa referente aos postos indígenas, que serviram de cenários para as coleções fotográficas, até por que o corpo documental, escrito e imagético, não está descarnado um do outro.



Imagem SPI02864 – Vista geral do Posto Indígena São Lourenço. Da esquerda para direita: estação telegráfica, escola, casa do encarregado (sede da Colônia Militar), casa de hóspedes, hospital (em construção), casas dos empregados, casa de máquinas e aldeia. São Lourenço. Foerthmann, Heinz. 1943.

Desse movimento primeiro de “olhar” para as fotografias, identificamos elementos e movimentos que ganharam aberturas e desdobramentos e ainda nos foi permitido ver as

² Acervo Arquivístico e Audiovisual do Museu do Índio, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

fissuras estruturais da amálgama “posto indígena”. As imagens nos permitem acessar um mosaico de elementos que poderiam ser explorados e nos levar a um grande leque de assuntos ligados à história dos índios no Brasil. No entanto, procurando um enfoque norteador, fiz a escolha de manter como questão central: olhar para as ações e participações indígenas dentro dos postos, tema que já vinha trabalhando no projeto inicial.

Quando me propus a mergulhar nas fontes escritas do Serviço de Proteção aos Índios, a intenção já era de destrinchar e esmiuçar o cotidiano dos postos e dar visibilidade às participações dos grupos indígenas e, assim, demonstrar que há uma história mais complexa – ou ainda, várias histórias – do que a contada em linhas gerais pela história oficial, algo como: no momento que os grupos indígenas “aceitaram” morar nos postos, foram perdendo seus modos de vida e se inserindo no modo “civilizado”. Nos postos passaram a trabalhar, a estudar e a se integrar à sociedade nacional. Grosso modo, é isso que a documentação do SPI procura afirmar. No entanto, vários estudos tanto de história como de antropologia vêm trabalhando com essas fontes, que cotejadas e problematizadas, vêm nos mostrando que é possível contar outras histórias. Quando fiz a escolha pelas imagens, a intenção não foi abandonar a documentação escrita, pelo contrário, estava buscando formas de adensá-la e permitir, com isso, quebrar os discursos homogêneos da política indigenista e ver os processos históricos aí engendrados.

Ao trazer as imagens para o primeiro plano, a pesquisa tomou outro rumo que, definitivamente, não é o de focar a política indigenista em si, partindo dos postos indígenas para a diretoria do SPI ou vice-versa. Assim, explícito que o recorte espacial desta pesquisa está situado no movimento das ações amiúdes que moviam os espaços dos postos e entorno, sendo os grupos indígenas ativos e participantes dessa história. Essa intenção obriga-me a deslocar o olhar, para o que está fragmentado nas imagens, num plano indiciário³, que está para além da construção imagética do índio selvagem *versus* o índio caboclo e assimilado. Pelo contrário, a minha hipótese caminha no sentido de que o índio que morava ou visitava o posto indígena, seja do Córrego Grande, do Posto Taunay, Cachoeirinha, São Lourenço ou Simões Lopes, estava a todo o momento, ativo e participativo, muito além da dicotomia selvagem/assimilado. Ele estava literalmente na fronteira, perfazendo mobilidades dentro e/ou

³ Conforme C. Ginzburg.

fora da delimitação do posto. As imagens nos dão conta de um Bororo, Terena ou Bakairi em trânsito, indo e vindo, trocando, comprando, vendendo, trabalhando, estudando, dançando, agindo e atuando, enfim, vivendo. Em muitas situações, revela um índio presente que está compondo e constituindo o posto indígena, mas, também, revela sinais de atividade e criatividade nesse ato de estar e fazer parte do posto.



Imagem SPI00982 – Fase da dança do Bate-pau. Schultz, Harald. 1942.

Imagem SPI00986 – Fase da dança do Bate-pau. Schultz, Harald. 1942.

Acredito que seguindo os indícios que se colocam como “fraturas”, tanto nas fotografias, conforme Elizabeth Edwards em *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums*, quanto, na própria documentação escrita, vamos dar conta dessa presença indígena como parte integrante da formação histórica desses lugares, denominados pelo SPI, de postos indígenas. Pelo fato de mesclar documentação imagética e escrita, o exercício proposto ampliou o máximo a perspectiva metodológica, no sentido da experimentação, já que a maioria dos trabalhos que abordam aquilo que chamamos de *estudos do contato interétnico*⁴, acaba trabalhando com fontes orais e a documentação administrativa do SPI, sem de fato aproveitar o acervo iconográfico. As fotografias produzidas pelo Serviço e que fazem parte do acervo do Museu do Índio, tanto em pesquisas de história quanto de antropologia, em muitos casos, são utilizadas como um complemento ou, em sua maioria, como alegoria, ou ainda, descoladas do contexto histórico. Ainda são poucos os trabalhos que caminham na direção de uma problematização das imagens seja como fonte histórica e/ou iconográfica⁵. Porém,

⁴ Para uma breve explanação sobre essa designação e autores que trabalham nessa direção, ver Peirano (1990).

⁵ Em tempo vale ressaltar as pesquisas de Fernando de Tacca (2001); Paulo Humberto Porto Borges (Tese de Doutorado, 2003); Carlos Alberto Casas Mendoza (Tese de Doutorado, 2005); Denise Portugal Lasmar (2008). As pesquisas de Tacca e Lasmar trabalham as imagens produzidas pela Comissão Rondon. Coloco-as

tomaremos essas poucas incursões como desafio e propósito de contribuir para engrossar as fileiras dos estudos que exploram diversos temas ligados à história dos índios e do indigenismo na interface da antropologia e da história.

As coleções de fotografias aqui analisadas cumprem algumas funções, que estavam ditas de antemão, pelo próprio discurso narrativo inscrito nas próprias imagens em si, como por exemplo, a função de registro documental da prova do SPI em curso. Servia também como testemunho de que o trabalho administrativo-gerencial estava sendo realizado e, conseqüentemente, servia também como atestado da “integração” dos índios propriamente ditos; a função de arquivo, no sentido do registro documental histórico da ação do Serviço, enquanto instituição e também como política de Estado; e, ainda, cumpria a função museológica, do colecionismo do próprio índio como objeto de museu, já que se tratava de registrá-lo também em seu estado primitivo para a constituição de um acervo que o caracterizava como fiel depositário da nacionalidade brasileira, a porção genuína do povo brasileiro que precisava ser preservada em museu, já que estava prestes a desaparecer em função da gradual inclusão à sociedade nacional através da política integracionista.

Logo, ao trazer uma imagem, tentei mostrar, inspirada em Edwards (2001), o que me fazia indagar e perceber para além de como a imagem está constituída, de como ela se inscreve e sugere o passado. Ao levantar os elementos presentes nessa constituição, considerando o saber do fotógrafo (técnico, científico, sócio-cultural), que por sua vez, também levava instruções do Serviço, tentei centrar nos aspectos que escapam e, por isso, me trazem questões, ou ainda, em elementos que permitam visualizar um cenário mais amplo no espaço e no tempo. Sobretudo nesse caso, fiz uso das etnografias que até então tinham sido produzidas sobre os grupos revelados nas fotografias em questão. No entanto, essa mobilidade, em relação às etnografias, obedece ao recorte temporal da época ou anterior à produção das fotos. As principais obras etnográficas são de Karl von den Steinen, resultado de sua expedição à região central do Brasil, chegando até ao Xingu no final do século XIX; Max Schmidt, que fez parte da expedição de Von den Steinen e que, depois, fez a sua própria expedição no início do século XX, por volta de 1926; os padres salesianos Antonio

aqui como referência, porque o SPI trabalhava em parceria com a Comissão Rondon, para os assuntos indígenas e parte desse acervo foi utilizado pelo SPI.

Colbacchini e César Albisetti com etnografias produzidas entre os anos de 1920 e 1930; Herbert Baldus com artigos etnográficos entre os anos de 1930; e Egon Schaden, para citar os principais. Dessa forma, acercamos melhor o contexto de produção e a biografia das pessoas e coisas. Assim, torna-se possível também caracterizar a produção do cotidiano desses espaços e das suas relações, identificando, na medida do possível, a participação de cada agente social, seja ele o funcionário do Serviço, seja ele o Bororo, o Terena e/ou o Bakairi.

Creio que, desta forma, as imagens deram outras possibilidades de percepção, sobre como, por exemplo, o Serviço foi construindo esse Outro, que é o índio imaginado e teorizado como “localizado”, “integrado”, “trabalhador nacional”, “selvagem”, “bárbaro”, “Bororo”, “Terena” ou “Bakairi”, mas também, como essas mesmas fotos diziam como o homem Bororo ou o grupo Terena se colocou nessa construção. É importante frisar que esses elementos presentes dentro dos enquadramentos estão inseridos em um mundo histórico-social para além das estruturas de significação inscritas nas evidências, seja da documentação escrita, seja da imagética.

Embora, o trabalho tenha forte apelo ao aspecto local/regional, a partir do levantamento documental, percebe-se que Mato Grosso era estratégico nesse contexto de consolidação de uma nação emergente e, com isso, mesmo tratando de aspectos amiúdes do local, essa colonização interna⁶ remete a uma reflexão bem mais ampla, podendo ter fortes contornos simbólicos dos atos da república emergente firmando a sua característica moderna e modernizante.

Este trabalho está imbricado nas relações sócio-culturais produzidas dentro dos postos entre os índios e funcionários do SPI, perpassada pela política indigenista criada em consequência de uma política expansionista para a região noroeste do Brasil. A vivência entre índios e não índios dentro desse espaço criado, delimitado e denominado de posto indígena, nos colocam questões e hipóteses que configuram, em princípio, práticas e concepções que têm a sua gênese cunhada de saberes conformados em contexto colonial e concebe modos de ver e tratar o Outro, que é índio, em chaves designativas e classificatórias. No entanto, presumo que só este fator já é motivo para nos mover em busca de outras problematizações.

⁶ Nos termos de Roberto Cardoso de Oliveira.

Quando proponho a mescla da documentação, não estou à procura de uma reconstituição total do passado, “a ponto de fazê-la reviver no presente” (Dosse, 2004, p. 196). Essa junção entre imagens e palavras como complementos se dá pelo fato de elas não estarem descoladas, sendo produtos de um mesmo contexto histórico da política indigenista das quais, ora palavras e/ou ora imagens, podem nos fornecer detalhes como uma alternativa intuitiva para a reflexão.

Tenho a hipótese de que essa participação indígena, a qual estou interessada em descortinar, foi fundamental para o entendimento do que temos atualmente na política indigenista de fazer da reserva indígena, um lugar “feito” para a preservação da cultura indígena e, não mais, para a assimilação desses grupos pela “sociedade nacional”. Esta é uma questão que me faz avançar com este exercício de análise. Pois, atualmente, as práticas indígenas nas reservas movem-se na direção da prova incontestável de que seus habitantes continuam sendo índios, tomando pra si as questões políticas de garantia desses territórios para o desenvolvimento da “cultura indígena” anunciada e movimentada na direção essencialista do conceito. E esta situação, no meu entendimento, tem raízes nesse tempo do posto, criado pelo SPI e, ainda em tempos mais remotos.



Imagem SPI00049 – Equipe foto-cinematográfica composta pelos Srs. Nilo Oliveira Vellozo, Heinz Foerthmann, Carlos Barreto de Souza e auxiliares Terena. Schultz, Harald. 1942.

Essa inversão, de partir das imagens para caminhar pela documentação escrita, nos dará condições de acessar as ações de, pelo menos, três povos distintos (Bororo, Terena e Bakairi), além das ações dos não índios no espaço dessa arquitetura, que é o posto indígena. Ou pelo menos, vamos conseguir perceber as práticas sociais em função das relações dos funcionários com esses grupos. Digo isso, pois não podemos perder de vista que a

documentação manipulada neste trabalho é, sobretudo, administrativa e foi construída na perspectiva da mentalidade positivista, de subsidiar a lógica de uma história oficial – governo sedentarizando e incorporando índios à sociedade nacional. Ao percorrer os registros documentais do SPI, percebemos toda uma estrutura mental e ideológica da construção dos índios como categoria genérica e em uma posição passiva, de serem direcionados, tutelados, sem condições de agir por conta própria. As imagens, em muitas situações não fogem desse arcabouço mental, no entanto, elas também oferecem para além da metáfora, o espelho como memória. A positividade desse exercício está em partir das imagens à procura da quebra, da “ferida”, daquilo que nos faz pensar, duvidar e também, imaginar e nos inspirar.

O exercício passa a cotejar na documentação a partir das imagens dos índios, todas as ações que fazem acioná-los, seja como discurso seja como ação. Penso que dessa forma de perceber a documentação, o índio passa a ser, pelo menos, o Bororo, o índio Terena ou o Bakairi.



Imagem SPI00404 – *Harald Schultz, chefe da equipe etnográfica fotografando menina Terena fazendo trabalhos manuais.* Schultz, Harald. 1942.



Imagem SPI00012 – *Menina de 10 anos, Tereza Luzia Aquino; fazendo trabalho de "brolha" ensinada por professora.* Schultz, Harald. 1942.

Para começar o exercício de ver e pensar a partir das imagens, julgo necessário uma discussão que localiza os fotógrafos que participaram das expedições foto-cinematográficas e produziram as coleções fotográficas aqui analisadas. Ao situá-los, a reboque lançamos luz à Seção de Estudos (SE), onde esses profissionais estavam lotados como funcionários do SPI, chegando até aos membros do órgão normativo da política indigenista, o Conselho Nacional

de Proteção aos Índios. Membros estes que foram responsáveis por criar e coordenar os trabalhos da Seção de Estudos. Ao fazer esse exercício é possível refletir sobre a ambiguidade presente na ação da política indigenista (assimilação x preservação), que se mostra mais evidente com a ação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios ao criar a Seção de Estudos e tudo que nela se produziu em seguida. A hipótese é que a participação de antropólogos no Conselho (CNPI) proporcionou a introdução dos conhecimentos “especializados” em Antropologia nas ações do Serviço. Assim, a SE e a equipe, responsável pela coleta de imagens e sons de grupos indígenas no interior dos postos deram um *start* fundamental para evidenciar tal ambiguidade (assimilação x preservação), pelo simples fato da materialidade documental e etnográfica. Essa prática de registro, inicialmente foto-cinematográfica e de coleta de peças etnográficas, a partir do órgão oficial, se revela planejada a partir de um departamento específico, dando ênfase ao aspecto cientificista no tratamento dos grupos indígenas. Além disto, contribui, de certa forma, para dar outros contornos à política indigenista, sobretudo, de visibilidade para fora, principalmente no sentido das relações internacionais.



Imagem SPI02978 – *Hospital, casa de hóspedes, moradia do encarregado e escola do Posto Indígena.*
Foerthmann, Heinz. 1943.

O caminho que trilhei para olhar as imagens foi de imaginar-me no lugar dos fotógrafos, no sentido de chegar e adentrar em um posto indígena e as primeiras paisagens revelam um todo exterior, enquanto arquitetura, instalação, vista geral e parcial desses espaços. As reflexões partem das imagens panorâmicas dos postos em questão tomando, em princípio, o plano métrico, o arquitetural e a expressão plástica espacial, cujos contornos

materiais, dotados de limites fronteiros físicos, culminam em fronteiras conceituais. Essas imagens me fizeram ir atrás das instruções dessas construções para acompanhar como cada posto foi ganhando materialidade arquitetônica. No entanto, nesse processo de construção vamos percebendo espaços sendo construídos como reflexo dos sentidos de quem os concebeu. Dessa perspectiva diacrônica percebemos multiplicidades de configurações espaciais nessa exterioridade que se apresenta. Ao olhar para essas panorâmicas e para os prédios em construções, enxergamos o posto indígena como máquina administrativa, lugar feito para os índios e habitado pelos funcionários do Serviço. O que as imagens revelam é a fissura física nessa aparência do posto como um todo e, conseqüentemente, a fissura mental dessa concepção inscrita no ato de instalação e construção de um espaço para os índios e não dos índios.



Imagem SPI02872 – *Aldeia dos índios Bororo junto ao posto*. Forthmann, Heinz. 1943.

Não que o espaço dos índios não existisse, sim, ele existia e ainda existe. Inclusive, ele aparece nas fotografias, porém, de forma apartada desse constructo pensado, construído e materializado como posto. De fato, para os índios, ainda, há a aldeia, cuja continuidade no espaço do posto, de forma materializada, torna-se perceptível. É neste ponto, em especial, que as imagens foram tratadas como espelho da memória, pois os detalhes nelas impressas evidenciam mais que a documentação escrita, que a aldeia ainda estava montada e materializada pelos seus moradores, Bororo e Terena. Pois, em muitos momentos, os registros escritos nos dão a entender que a aldeia não existia mais, pelo simples fato de haver a

instalação e a construção dos prédios do posto. No entanto, a aldeia continuava no mesmo lugar após anos e mais anos da existência do posto, continuava engajada de agenciamentos bem como o posto.



Imagem SPI00865 – *Alunos Terena na cerimônia de hasteamento da bandeira nacional.* Schultz, Harald. 1942.

Imagem SPI03047 – *Uma aldeia dos índios Bororo chamada Miao-Pare.* Foerthmann, Heinz. 1943.

Logo, passamos a olhar para a aldeia praticada assim como para o posto praticado, cada lugar demonstrando a relação corpo e espaço. Afinal, como afirma Ludmila Brandão (2002, p. 11), o espaço passa a ser resultado das relações entre seres e objetos. Daí, os índios aparecem tanto no espaço do posto (pátio, escola, hospital) quanto no espaço da aldeia (principalmente no pátio). Os fotógrafos, ao adentrar os postos, seguiram os caminhos e ramificações que partiam da sede ou a ela chegavam e revelaram os pátios das aldeias, encontrando, conseqüentemente, os Bororo e os Terena.

Nesse percurso passei a perceber o caráter cientificista, mais que científico, que o SPI tomou com a criação da Seção de Estudos, pois, além das micro-espacialidades dos postos, as fotografias estavam povoadas por rostos indígenas, inclusive, imagens com inspiração somatológicas.



Sequência 01 - *Mulher idosa Bororo com aproximadamente 75 anos de idade.* Foerthmann, Heinz. 1943⁷.

⁷ A sequência de imagens, na base de dados do Museu do Índio, corresponde aos códigos SPI03328, SPI03329, SPI03330, SPI03331, SPI03332, SPI03333, SPI03334, SPI03335, SPI03336 e SPI03337, respectivamente.

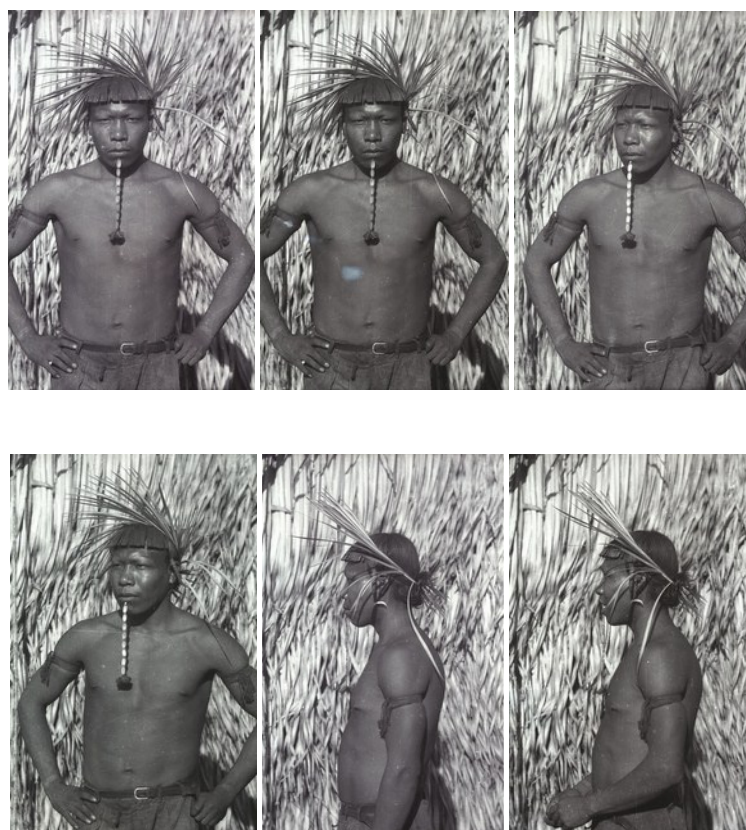


Sequência 02- Homem Bororo com aproximadamente 30 anos de idade. Foerthmann, Heinz. 1943⁸.

Ao meu envolver, com as imagens e as palavras, chego à conclusão de que as fotos feitas ao modo antropométrico têm um aspecto intuitivo, no meu entendimento, de inaugural. Explico: a prática de fotografar os postos não era nova dentro do órgão, sendo feita, inicialmente, via ramificação administrativa pela Comissão Rondon e, depois, produzida através de contratação avulsa de fotógrafos. No entanto, apenas a partir da equipe da SE, começa a ser exteriorizada, explicitamente, via instruções, a preocupação de registrar os “remanescentes” do povo brasileiro, entendidos como uma parte fundamental dessa formação que enquadrava a “raça” ou as “raças” indígenas em uma clara concepção museológica, por conta da teoria de que os grupos indígenas estavam caminhando, a passos largos, para a extinção. A partir das imagens de “tipos indígenas” apresento vários trechos documentais que evidenciam várias concepções raciais sobrepostas e justapostas em relação aos grupos indígenas, a ponto de desvelar outros tantos panos de fundo – para além do pano branco

⁸ A sequência de imagens, na base de dados do Museu do Índio, corresponde aos códigos SPI03185, SPI03186, SPI03187, SPI03188, SPI03189, SPI03190, respectivamente.

esticado em uma parede externa da sede do posto – dessa prática fotográfica que buscava neutralizar ao máximo os elementos que circundavam o tipo indígena. O exercício de centrar no retrato antropológico permite mais que apenas perceber as noções raciológicas de marcação da diferença e da demonstração da diversidade de grupos indígenas ou ainda de apreender as noções que os inferiorizavam. Esse conjunto de retratos de frente e de perfil leva para uma discussão dos agenciamentos indígenas através dos gestos, da expressão do olhar ao encarar a câmera e, conseqüentemente, o fotógrafo.



Sequência 16 – Índio Bororo com aproximadamente 25 anos adornado para festas. Foerthmann, Heinz. 1943⁹.

Outro conjunto de imagens que sobressai nas coleções é de cunho etnográfico presente nas intenções dos fotógrafos. Percebe-se a preocupação de apreender os usos e costumes indígenas, em algumas situações, como abstrações gráficas por conta da arraigada forma de fotografar tendo como inspiração os “tipos indígenas”. No entanto, essas mesmas fotografias

⁹ A sequência de imagens, na base de dados do Museu do Índio, corresponde aos códigos SPI03246, SPI03247, SPI03248, SPI03249, SPI03250 e SPI03251, respectivamente.

permitem encontrar um Bororo que se apresenta para o fotógrafo. Ornamentado, a sua postura se mostra ativa com expressão facial e corporal autônomas.



Imagem SPI01061 – Aspectos do rito Terena. Xamã com pinturas corporais e faciais e tendo em sua mão direita um chocalho de cabaça (itaaká) e na esquerda um penacho. Schultz, Harald. 1942.

Imagem SPI01063 – Aspectos do rito Terena. Xamã com pinturas corporais e faciais e tendo em sua mão direita um chocalho de cabaça (itaaká) e na esquerda um penacho. Schultz, Harald. 1942.

Nas imagens feitas por Schultz, a riqueza etnográfica apreendida é de um ritual xamânico que permite encontrar os Terena exercendo os seus usos e costumes e, aos olhos de Schultz, o que vê e fotografa parece ser vestígios de uma cultura sendo engolida pelos elementos da sociedade nacional que impregna o cenário e corpos, ainda indígenas.

É tácito afirmar que as imagens revelam as diversas fissuras impressas e expostas através das imagens ao adentrar a amálgama do posto indígena. Dentro disso que parecia “todo”, as fotografias nos dão a perceber os índios compondo, atuando, participando e agindo ora no espaço administrativo, escolar, laboral e civilizador do posto do SPI ora no espaço da vivência, principalmente no pátio da aldeia. Nisso, as divisões fronteiriças físicas e conceituais/mentais estão expostas. No entanto, essa mobilidade de ora estar no posto e ora na aldeia, nos faz intuir mais do que realmente ver as relações entre funcionários e grupos indígenas. Por isso, elegi um conjunto de imagens que revela no primeiro plano as relações sendo praticada diante de nossos olhos.



Imagem SPI02754 – Menina Bakairi oferecendo presente a um índio Xinguano. Foerthmann, Heinz. 1943.

A cena se dá em uma entrega de brindes aos índios do Xingu no posto de atração Simões Lopes. A doação de brindes revela a relação, revela um dos pontos de sutura que fora bastante praticado dentro dos postos e a partir dessa articulação, a documentação contribui para trazer outras ações e agências indígenas demonstrando a mobilidade dos grupos dentro e fora do posto. Como não poderiam ser diferentes, os pontos de sutura também revelam fissuras mentais, que permitem compreender a política indigenista colocada em prática pelo Serviço de Proteção aos Índios como produtora de ambiguidades em relação aos povos indígenas. No entanto, a sutura revela a relação, que não é unilateral. Logo, o que vemos é a mobilidade dos grupos que recebem e trocam brindes, trabalham e compram objetos de branco, negociam com os funcionários, trocam com outros grupos indígenas, com outros segmentos da sociedade nacional e demonstram o ritmo e o prazo para tais relações.

O acervo fotográfico dessas três coleções traz muitos outros temas a serem discutidos, ou melhor, a serem revelados seja como “ferida” seja como “fratura”, ou ainda, como *o retorno do morto*. Por ora, o exercício me basta para convidar os leitores para um outro olhar dos e/ou sobre os Bororo, Terena, Bakairi etc. nos postos indígenas do SPI.

Bibliografia

BALDUS, Herbert. 1979. *Ensaios de etnologia brasileira*. 2. Ed. São Paulo. Ed. Nacional (Brasília); v. 101).

BORGES, Paulo H. P. 2003. *Fotografia, História e Indigenismo: A representação do real no SPI*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade

Estadual de Campinas, Campinas.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. 2002. *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. São Paulo. Perspectiva.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1968. Urbanização e tribalismo. A integração dos índios Terêna numa sociedade de classes. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

_____. 1978. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. Brasília. Editora da UnB.

COLBACCHINI, P. A. 1919. *A tribo dos Bororos*. Rio de Janeiro. Americana.

COLBACCHINI, P. A. e ALBISETTI, P. C. 1942. *Os Boróros Orientais. Orarimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. Companhia Editora Nacional.

DOSSE, François. 2004. *História e ciências sociais*. Tradução Fernanda Abreu. Bauru, SP. Edusc.

_____. 2001. *Raw Histories. Photographs, Anthropology and Museums*. Oxford. Publishers Ltd.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LASMAR, Denise Portugal. 2008. *O acervo imagético da Comissão Rondon: no Museu do Índio 1890-1938*. Rio de Janeiro: Museu do Índio.

MENDOZA, Carlos Alberto Casas. 2005. *Nos Olhos do outro: nacionalismo, agências indígenas, educação e desenvolvimento, Brasil-México (1940 – 1970)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Campinas.

PEIRANO, Mariza. 1990. Os antropólogos e suas linhagens. (A procura de um diálogo com Fábio Wanderley Reis). *Série Antropologia*. Brasília.

SCHADEN, Egon. 1976. *O estudo atual das culturas indígenas in Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo. Companhia Editora Nacional.

SCHMIDT, Max. 1942. *Estudos de Etnologia Brasileira. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*. Tradução Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre. Companhia Editora

Nacional. (Brasiliense. Série 5ª. Vol. 2.

STEINEN, Karl von den. 1915. Entre os Borôros. Tradução de Basílio de Magalhães. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LXXVIII. Parte II.

_____. 1940. Entre os aborígenes do Brasil Central. *Revista do Arquivo Municipal, São Paulo*, XXXIV-LVIII, Separata. São Paulo.

_____. 1942. *O Brasil Central. Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu*. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.

TACCA, Fernando de. 2001. *A Imagética da Comissão Rondon*. Campinas, SP. Papyrus. (Coleção Campo Imagético).